

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO COMO FUNDAMENTAÇÃO PARA PESQUISAS DE ENFERMAGEM PEDIÁTRICA

SYMBOLIC INTERACTIONISM AS A FUNDAMENT FOR PEDIATRIC NURSING RESEARCH

*Lucimeire Santos Carvalho**
*Cátia Andrade da Silva***
*Ana Carla Petersen de Oliveira****
*Climene Laura de Camargo*****

RESUMO: Este artigo tem como objetivo revisar o referencial teórico do Interacionismo Simbólico e evidenciar seu uso na abordagem qualitativa de pesquisas de enfermagem pediátrica. Abrangeu literatura do período de 1969 a 2005. De acordo com esses estudos, pode-se demonstrar que o Interacionismo Simbólico tem sido utilizado pela enfermagem para leitura das respostas humanas e da linguagem simbólica da criança. Concluiu-se que essa Teoria é adequada para a pesquisa em enfermagem pediátrica e, portanto, pode ser largamente utilizada pelos enfermeiros interessados em buscar na experiência da população infantil informações não documentadas e capazes de melhor direcionar a assistência de enfermagem.

Palavras-chave: Enfermagem; pediatria; interacionismo simbólico; pesquisa.

Abstract: This article aims at revising theoretical references of Symbolic Interactionism and highlighting their use in qualitative approach on pediatric researches. Literature from 1969 to 2005 was mentioned. According to those studies, it can be demonstrated that Symbolic Interactionism has been used by caretakers for the analysis of human answers and children symbolic language. It is concluded that this Theory is appropriate for the research in pediatric nursing and, therefore, it can be used broadly by caretakers who want to extract from children's experiences non documented information that could better guide nursing attendance.

Keywords: Nursing; pediatric; symbolic interactionism; research.

INTRODUÇÃO

A Teoria do Interacionismo Simbólico vem sendo empregada com sucesso nas pesquisas em enfermagem, porque seu conceito central é o significado das ações no âmbito individual e coletivo, alicerçadas na interação entre os atores sociais¹.

Nas pesquisas de enfermagem pediátrica, tem sido utilizado esse referencial teórico-metodológico com o intuito de documentar, monitorar e encontrar o significado da ação das crianças nos mais diversos cenários da saúde coletiva ou hospitalar. Além disso, possibilita a compreensão das experiências infantis, seja através do resgate da produção dos sentidos e práticas discursivas que ocorrem na interação da criança com o contexto de cuidado - ambiente, como também pela sua interação com genitores, familiares, profissionais de saúde e outras crianças.

Sabe-se que a infância é considerada como uma fase do ciclo vital em que o ser humano perpassa inúmeros processos dinâmicos de aprendizagem. A criança, através do seu mundo objetivo/concreto e do abstrato/consciência/imaginação, é capaz de materializar e ao mesmo tempo fantasiar sobre o que experencia. E suas formas de expressar-se são por meio de ações, comportamentos e diálogos que nem sempre são bem compreendidos pelos demais indivíduos.

Inerente à sua natureza, as crianças revelam através das suas ações o que pensam, o que sentem e porque agem de determinada maneira, impossibilitando, dessa forma, a identificação e diferenciação de seus sentimentos e expectativas. Contudo, isso só se torna possível através de uma abordagem de aproximação e conquista.

Nesse sentido, a identificação ou diferenciação do agir simbólico que emerge da lingüística verbal e não-verbal – olhares, pausas, tom de voz, gestos, expressões faciais, detalhes da interação – e o seu significado só se tornam possíveis por meio da valorização da linguagem infantil, do lúdico e da brincadeira.

Considera-se o agir como simbólico porque o ser humano ativo é capaz de criar, manipular e usar símbolos para se relacionar com o mundo. Sem os símbolos, ele não conseguiria interagir com os outros.²

A criança com seu agir simbólico vive na experimentação do mundo e construção de atitudes diante de vida fazendo suas representações sobre as coisas. E pela sua imaturidade, muitas vezes a cada experiência mostra-se diferente e, portanto, sempre traz novos elementos, novos símbolos e a necessidade de sucessivas interpretações.

Contudo, para que o Interacionismo Simbólico seja empregado como teoria capaz de traduzir as informações provindas das crianças, faz-se necessário que o enfermeiro conheça seu conceito, origem e fundamentações.

Com base nessas considerações, este artigo tem como objetivos: revisar o referencial teórico do Interacionismo Simbólico e evidenciar seu uso na abordagem qualitativa de pesquisas de enfermagem pediátrica. Essa revisão abrange a literatura do período de 1969 a 2005.

COMPREENDENDO A TEORIA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

O Interacionismo Simbólico fundamenta-se em um conjunto de conceitos básicos. O primeiro refere-se à natureza humana, que atribui à pessoa a condição de agente da ação. O segundo revela que a natureza dessa ação é o resultado de um processo de interpretação. E o último diz que a identificação da atividade humana é tida como centro regulador da vida social³.

De acordo com Mattos⁴, o Interacionismo Simbólico constitui um referencial utilizado para observação do comportamento humano, com o objetivo de desvelar a ação e apreender o significado do cotidiano no qual os indivíduos interagem.

O Interacionismo Simbólico refere-se a uma corrente de pesquisa da Escola Americana, que se origina com o professor Herbert Mead, cujos herdeiros mais representativos são Blumer, da Escola de Chicago, e Kuhn, da Escola de Iowa³.

Herbert Mead era adverso à dicotomia existente entre as noções de sociedade e indivíduo e entre sociologia e psicologia. Seus pressupostos eram direcionados para a convergência entre o indivíduo e a sociedade, sendo que esse processo ocorreria através da comunicação⁵

Essa Teoria é uma perspectiva da Psicologia Social que focaliza a comunicação como uma das formas de retratar a relação do ser humano com o mundo⁶. Assim, tem por finalidade apreender comportamentos, sentimentos e expectativas da comunicação simbólica – o significado da fala, do silêncio, das imagens construídas em desenhos, dos comportamentos apresentados – um pedido de socorro, um desabafo, uma insatisfação, uma interação positiva.

A simbologia possibilita perceber os processos interativos dinâmicos que estão presentes nas relações entre o sujeito e os elementos de interação – ambiente, pessoa e contexto.

A interação simbólica é como um ato de pensamento - elaboração psicológica (cognitiva e afetiva) e social da realidade, pelo qual um sujeito se relaciona a um objeto².

Blumer³ assevera que as investigações que buscam a compreensão do comportamento humano devem dissociar-se de esquemas rigorosos, mas debruçar-se no propósito das interações, pois a ação do sujeito depende do significado que atribui ao objeto e da dimensão que a experiência tem para o sujeito, ou seja, da sua relação com o objeto.

Dessa forma particularizada, os autores nos remetem à natureza empírica das interações e ações humanas que, desempenhadas pelo indivíduo, decorre de três premissas: a primeira é que a ação dos indivíduos pode modificar-se em relação aos objetos, dependendo do significado que eles têm para o sujeito; a segunda é que a fonte dos significados é a interação social; e a terceira traduz que a utilização dos significados ocorre através de um processo de interpretação³.

Em cada situação de interação, o sujeito está em um momento de sua trajetória de crescimento e desenvolvimento, trazendo consigo inúmeras possibilidades de interpretação do material que obtém do mundo externo. A interação é um processo dinâmico que implica a ação dos indivíduos em relação aos outros. O ser humano é imprevisível e ativo, o que significa dizer que está agindo constantemente em relação às pessoas, situações e instituições sociais, percebendo, interpretando e reagindo⁷.

No entanto, a interação não é somente o que está acontecendo externamente ao indivíduo, mas

o que se processa no seu interior. O conteúdo interno dos indivíduos e como agem no mundo define as situações - realidade definida ativamente pelo indivíduo conforme interação consigo mesmo (*self*) e com o mundo e como essa interação com os outros influencia sua definição.³

Por isso, na interação, as vivências do presente são dotadas de valor e significados. Ao agir no presente, o ser humano tanto é influenciado pelo que aconteceu no seu passado, pelo resgate de suas lembranças, quanto pelo que está acontecendo no exato momento vivido.

Além das premissas do Interacionismo Simbólico, outros conceitos são imprescindíveis para o entendimento da Teoria: o símbolo, o *self*, a mente, assumir o papel do outro, a ação humana e a linguagem.

O símbolo é a palavra-chave do Interacionismo Simbólico e, na sua ausência, a interação entre os seres humanos fica impossibilitada. Os símbolos são considerados como objetos sociais usados pelo ator para representação e comunicação^{8,9}.

Enquanto que o *self* (o ego/o próprio indivíduo) significa que a pessoa pode ser objeto de sua própria ação, ou seja, objeto de si própria. Para os estudiosos dessa Teoria, o *self* é um objeto social através do qual o indivíduo age^{8,9}.

O *self*, ambiente interno do indivíduo, é um objeto social que surge na infância. Ele é iniciado através da interação das crianças com os pais, familiares e outras pessoas. Como crianças, os indivíduos estão experimentando *o novo*, desfrutando das experiências ao longo do processo de desenvolvimento, o que faz com que o *self* seja definido e modificado constantemente.

Segundo Mead¹⁰, o *self* apresenta duas fases: O *eu* e o *mim*. Na primeira fase se refere ao indivíduo como sujeito, evidenciando as características, as tendências espontâneas, não socializadas. Já na segunda, reconhece o indivíduo como objeto social, que se origina na interação. Nessa fase, o indivíduo socializado, se comunica, dirige, julga, identifica, participa e avalia sua interação com os outros.

Já a mente é tida como um processo que se manifesta sempre que o indivíduo interage consigo próprio, usando símbolos significantes. Essa significância ou sentido é também social em sua origem. Da mesma forma, a mente também é social, tanto em sua origem como em sua função, porque ela surge do processo social de comunicação^{8,9}.

A mente é uma atividade que se dirige ao *self*. Considera-se como processo mental a interação sim-

bólica por meio da qual o indivíduo manipula símbolo e comunica-se ativamente com o seu *self*. Charon⁶ enfatiza que mente é ação que usa símbolos, os quais são dirigidos ao *self*. É o indivíduo tentando fazer algo, agir em seu mundo. A ação é entendida como resposta da mente não a objetos, mas à simbolização que o indivíduo faz a si mesmo e aos outros na situação.

Para atingir a comunicação e interação simbólica, é preciso assumir o papel do outro, que quer dizer, compreender como e por que as pessoas agem dessa ou daquela maneira. Esse entendimento do outro por nós, e vice-versa, faz parte dessa atividade mental, considerada por Charon⁶ como a mais importante do Interacionismo Simbólico, porque possibilita o desenvolvimento do *self*.

A ação humana diz respeito a um processo constante e ativo de tomada de decisão pelos indivíduos diante da interação com o *self* e com os outros.

A linguagem é um símbolo usado para descrever e detalhar o que se observa, pensa ou imagina para referir-se ou apresentar a realidade social.

O uso da palavra nos diálogos e outros símbolos, como gestos, comportamentos, ações, têm significados sociais, que são construídos nas interações e que apenas passam a ser símbolo quando adquirem sentido para quem os utiliza.

Desse modo, os símbolos podem desvelar as carências afetivas, psicológicas, biológicas e sociais do ser cuidado, como também suas vivências e interações no cotidiano. Especialmente, na pediatria, é preciso conhecer o ser cujas ações, falas, atitudes e comportamentos têm peculiaridades e refletem sua fase de desenvolvimento, história e vida social. Ser esse que necessita ser compreendido, cuidado, orientado, afagado, estimulado e conduzido no enfrentamento das situações difíceis.

INTERACIONISMO SIMBÓLICO E AS PESQUISAS EM ENFERMAGEM PEDIÁTRICA

O processo de comunicação com a criança tem sido uma das dificuldades mais relatadas entre os profissionais de enfermagem. Nesse âmbito é comum profissionais agirem de maneira impaciente com crianças, muitas vezes por não compreenderem que determinadas características e comportamentos, apresentados por elas, são inerentes à sua faixa etária. Há também dificuldade de compreensão da comunicação não-verbal, a qual requer observação pormenorizada dos comportamentos da criança.

É notória a observação, pelo pessoal de enfermagem, de comportamentos de luta ou confronto apresentados pelas crianças durante a assistência—gritar, espernear, chutar e morder, que são comumente traduzidos e rotulados como anti-sociais ou agressivos; ao contrário, a apatia e indiferença são geralmente associadas à passividade infantil, com significado de aceitação da situação.

Diante de comportamentos muitas vezes complexos e adversos, os profissionais podem sentir-se inseguros. E esta insegurança pode conduzir o profissional ao afastamento progressivo da criança.

Através do Interacionismo Simbólico, pode-se desvelar a lógica oculta de certos comportamentos resultantes da interação entre a criança e os profissionais de saúde. A Teoria faz emergir a importância das formas de expressão interativa da criança, que pode estar silenciando ou falando, contando histórias, brincando, enfim, expressando sua autonomia, vontade, afetividade e subjetividade no contexto de suas relações.

E é exatamente nesse ponto que surge o esforço de ter que entender a linguagem infantil, seu discurso isolado ou agregado a outros componentes da linguagem quando a mesma ensaja comunicar-se¹¹, isto é, desvendar comportamentos, enfatizando a interpretação que lhe é devida, e que essa interpretação não se restrinja ao olhar do profissional de saúde como uma atividade meramente lúdica no âmbito hospitalar e sim, busque o significado real da mensagem.

Nesse sentido, o papel da enfermagem para minimizar o estresse da criança deve ser desempenhado através de ações que lhe possibilitem participar ativamente da vida interna e externa da criança: ajudá-la a se sentir menos insegura em um ambiente estranho, reduzir ou avaliar o medo do desconhecido, permitir a expressão de sentimentos e propiciar oportunidades de participação da criança no seu cuidado¹².

Um grande desafio para a enfermagem pediátrica é compreender o que a criança está comunicando, através da sua linguagem corporal (gestos e expressões), verbal (fala) e cognitiva (desenhos e brincadeiras). Nesse âmbito, o Interacionismo Simbólico emerge como uma possibilidade de captação e compreensão das informações advindas das crianças. E esse processo de compreensão se dá por meio da avaliação da linguagem simbólica infantil.

Essas questões mostram que analisar o discurso é algo muito importante, porém as palavras, ao mesmo tempo em que podem evidenciar, podem também camuflar situações; já as manifestações corpo-

rais, quando entendidas como metáforas corpóreas¹³, expressam complexidades a serem desvendadas.

Alguns trabalhos de enfermagem pediátrica que foram desenvolvidos utilizando o referencial teórico-metodológico do Interacionismo Simbólico mostram as possibilidades de análise reflexiva dos comportamentos da criança diante das situações de saúde, internamento, cirurgia, exames e procedimentos hospitalares, mostrando o quanto se faz necessária, a compreensão desse universo para a atuação da enfermagem.

Um estudo desenvolvido por Moreira e Dupas¹⁴ objetivou compreender o significado de saúde e doença sob o olhar da criança. Foi aplicado o referencial do Interacionismo Simbólico para fundamentar a análise dos discursos infantis e promover a assistência de enfermagem centrada na criança e com o real propósito de atender suas necessidades. As autoras se propuseram a escutar a criança hospitalizada contar sua história, enfatizando a situação momentânea de estar hospitalizada e doente, com o objetivo de saber os significados atribuídos por ela a essa condição, respeitando sua identidade e valorizando o *ser* criança.

Outra pesquisa de enfermagem relevante foi a realizada por Coutinho¹⁵. Foi utilizada uma adaptação da técnica do desenho-estória, cuja análise de dados foi orientada pelo Interacionismo Simbólico. A autora inferiu, pelos sentimentos expressos nas falas das crianças, durante a narração de estória e os desenhos esboçados, que a visão infantil acerca da hospitalização é a de *um bicho-papão na sua vida* e a *de distância de sua fada madrinha*. A representação negativa da criança sobre o ambiente hospitalar está associada muitas vezes aos aspectos provocadores de medo na criança - de sentir dor, das pessoas estranhas, de afastar-se da mãe e do ambiente hostil que está presente na interação hospital-criança-família-enfermagem.

Também, em outra investigação, Ribeiro¹⁶ evidencia como ocorre o enfrentamento pela criança da hospitalização. A autora utiliza o lúdico para aproximar-se da criança pré-escolar, direcionando sua avaliação aos processos interativos da criança com o cenário de hospitalização. Na busca do significado dessa experiência, discorre sobre a dificuldade de compreensão do discurso verbal da criança, mostrando ser particularmente difícil compreender suas mensagens unicamente pela linguagem verbal, devido a seus recursos lingüísticos limitados. Aplica o Interacionismo Simbólico para embasar suas discussões sobre esses fenômenos, seja pela presença ex-

cessiva de pessoas no ambiente hospitalar, pelo mistério prescrito nesse cenário, pelo convívio com a dor real e imaginária, ou ainda pela conjunção da experiência num fenômeno maior que denomina de *terror*.

No estudo realizado por Carvalho¹⁷, foi analisado o comportamento das crianças diante dos estressores pré-cirúrgicos e teve sua construção norteada pelo referencial do Interacionismo Simbólico que possibilitou esclarecer sobre a temática, valorizando a subjetividade da vivência do cotidiano da criança a ser operada. O sofrimento psíquico da criança pré-escolar diante da interação com o contexto cirúrgico foi descrito como intenso, devido ao imaginário da criança revelar, a ela, possibilidades de ameaça constante, sem distinção entre perigo real e imaginário. A análise da interação da criança com o ambiente – a sala de espera de cirurgia –, suas ações e comportamentos, e a análise da interação com sua mãe, pelas conversas, atitudes e queixas do acompanhamento pré-cirúrgico possibilitaram entender porque a cirurgia é para ela uma fonte de desagrado.

Outro estudo¹⁸ realizado com crianças em idade escolar utilizou o Interacionismo Simbólico para significar as interações vividas por crianças ante o pós-operatório de postectomia e identificar as suas estratégias de enfrentamento. A pesquisa, que aplicou como recurso de comunicação a brincadeira, mostra que a criança durante o brincar fala do significado dessa vivência que está intrinsecamente relacionada à interação que ela estabelece com o seu corpo, com a sua família, principalmente com a mãe, como também com as etapas que compõem todo o procedimento cirúrgico. A compreensão dessa experiência oferece subsídios importantes para o planejamento de uma assistência de enfermagem individualizada, humanizada e ratifica a necessidade da inclusão da família no processo de cuidar da criança hospitalizada.

Já Dupas, Oliveira e Costa¹⁹, investigando a importância do Interacionismo Simbólico para a prática de enfermagem, demonstram que através dessa Teoria é possível apreender o significado que o ser humano atribui a sua própria experiência, o que permite ao enfermeiro um melhor entendimento do outro para promover o cuidado, objeto essencial da profissão. Consideram que a utilização desse referencial pela enfermagem poderá abrir novos caminhos para o conhecimento e a assistência, uma vez que a abordagem favorece a descoberta de novos aspectos do cuidar.

Mediante os trabalhos anteriormente revisados, pode-se evidenciar que a Teoria do Interacionismo

Simbólico tem sido empregada pela enfermagem para leitura das respostas humanas para desvelar os significados que a pessoa atribui às situações vividas, valorizando a linguagem do discurso, como também a linguagem simbólica apreendida de seu comportamento. Foi destacada sua importância para a enfermagem pediátrica, já que o discurso da criança de pouca idade é incipiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Interacionismo Simbólico é amplamente representado nos estudos referentes ao cotidiano e a interação entre os indivíduos. E por isso é considerado como ferramenta imprescindível para compreensão da comunicação da criança hospitalizada, bem como dos processos de interação oriundos das tentativas de relacionamento entre o profissional e a criança no âmbito hospitalar. Nesse sentido, esse ambiente não deve ser considerado como um mundo externo neutro, mas como algo que se refere à pessoa em ação, facilitando ou dificultando o interagir com os outros.

Diante do exposto, na assistência de enfermagem pediátrica, o profissional do cuidar deve estar consciente das formas peculiares de sentir e perceber que a criança apresenta, em cada fase de seu crescimento e desenvolvimento, e seus métodos individuais de luta contra as adversidades do ambiente em que se encontra inserida.

Com base nas discussões apresentadas, conclui-se que o Interacionismo Simbólico, como referencial teórico de pesquisa qualitativa, vem ganhando espaço²⁰ e é adequado à enfermagem pediátrica, e, portanto, pode ser largamente utilizada pelos enfermeiros interessados em buscar na experiência da população infantil, informações não documentadas e capazes de melhor direcionar a assistência de enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Lopes CHAF, Jorge MSB. Interacionismo simbólico e a possibilidade para o cuidar interativo de enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2005; 39(1):103-8.
2. Ângelo M. Com a família em tempos difíceis: uma perspectiva em enfermagem [tese para livre-docência]. São Paulo: Universidade de São Paulo;1997.
3. Blumer H. A natureza do interacionismo simbólico. In: Mortesen CD. Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico;1980.
4. Mattos CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. Rev INES-EPAC. 2001; 16:42-59.
5. Mattelart A, Mattelart M. História das teorias da comunicação. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola; 1999.

6. Charon JM. *Symbolic interactionism*. 3rd ed. Englewood Cliffs (Uk): Prentice-Hall; 1989.
7. Paru DCV. A formação do simbólico. *Rev Núcleo de Estudos Canadenses*. (Salvador) 1997; 1:147-62.
8. Blumer H. *Symbolic interactionism: perspective e method*. Berkely (USA): University of Califórnia; 1969.
9. Haguette TMF. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis (RJ): Vozes; 1990.
10. Mead GH. *On social psychology*. Chicago (USA): The University Chicago Press; 1977.
11. Schneider JF, Pereira MA, Valle ERM. Algumas considerações sobre a agressividade na criança – Implicações em enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm*. 1994;15:41-46.
12. Andrade VRO. Interação de enfermagem em processo criança/mãe/equipe de hospitalização. *R Enferm UERJ*. 1993; 1: 28-35.
13. Barbosa SRCS. *Qualidade de vida e suas metáforas: uma reflexão sócio-ambiental [tese de doutorado]* São Paulo: Universidade de Campinas; 1996.
14. Moreira PL, Dupas G. Significado de saúde e doença na percepção da criança. *Rev Latino-am Enfermagem*. 2003;11:757-62.
15. Coutinho SED. *A hospitalização na percepção da criança: fada madrinha ou bicho-papão?* João Pessoa (PB); Universidade Federal da Paraíba; 1999.
16. Ribeiro CA. *Crescendo com a presença protetora da mãe: a criança enfrentando o mistério e o terror da hospitalização [tese de doutorado]*. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1999.
17. Carvalho LS. *Convivendo com o estranho e o desconhecido: o enfrentamento da criança aos estressores pré-cirúrgicos infantis [dissertação de mestrado]*. Salvador (BA): Universidade Federal da Bahia; 2003.
18. Castro AS de, Silva CV, Ribeiro CA. Tentando readquirir o controle: a vivência do pré-escolar no pós-operatório de postectomia. *Rev Latino-am Enfermagem*. 2004; 12:797-805.
19. Dupas G, Oliveira I, Costa TNA. A importância do interacionismo simbólico na prática de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*. 1997; 31:219-26.
20. Reiners, AAO. *Grounded theory: opção metodológica para a enfermagem*. *R Enferm UERJ*. 1998; 6:370-6

EL INTERACCIONISMO SIMBÓLICO COMO BASE PARA INVESTIGACIONES DE ENFERMERÍA PEDIÁTRICA

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo revisar el referencial teórico del Interaccionismo Simbólico y evidenciar su uso en el enfoque cualitativo de investigaciones de enfermería pediátrica. Él abarcó literatura del período de 1964 a 2005. Según esos estudios, se puede demostrar que el Interaccionismo Simbólico es usado por la enfermería para lectura de las respuestas humanas y del lenguaje simbólico del niño. Se concluyó que esa Teoría es adecuada para la pesquisa en enfermería pediátrica y, por lo tanto, puede ser largamente utilizada por los enfermeros que buscan en la experiencia de la población infantil informaciones no documentadas y capaces de mejor orientar la asistencia de enfermería.

Palabras Clave: Enfermería; interaccionismo simbólico; pediatría; investigación.

Recebido em 21.08.2006

Aprovado em 15.02.2007

Notas

*Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia UFBA; Professora Assistente da Universidade Estadual da Bahia (UNEB); Mestra em Enfermagem na área de concentração O Cuidar em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFBA; Especialista em Enfermagem em Centro Cirúrgico pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia UFBA; Enfermeira da Unidade de Pediatria do Hospital Universitário Professor Edgar Santos (HUPES/UFBA).

**Mestra em Enfermagem na área de concentração O Cuidar em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFBA; Docente da Faculdade de Tecnologias e Ciências – SSA/Ba; Especialista em Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva pela Faculdade de Enfermagem Luíza de Marillac; Especialista em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem, pela Escola Nacional de Saúde Pública.

***Mestranda em Enfermagem na área de concentração O Cuidar em Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFBA; Especialista em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem, pela Escola Nacional de Saúde Pública; Enfermeira da Unidade de Pediatria do Hospital Universitário Professor Edgar Santos (HUPES/UFBA); Enfermeira do Hospital Santa Isabel (SSA/Ba).

****Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Crescer, do Departamento de Enfermagem Comunitária da Universidade Federal da Bahia (UFBA).